



O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS: UM DIÁLOGO COM O BRASIL DE ONTEM E HOJE

Fernanda Machado de Andrade¹

RESUMO:

Este trabalho propõe uma reflexão acerca de como uma falsa narrativa pode influenciar o nosso cotidiano. Diante da atual realidade, onde as mentiras são disseminadas com maior abrangência e velocidade por causa dos avanços das tecnologias da informação, trazer tal debate através da literatura nas aulas de geografia é interessante para mostrar os impactos que a mentira pode ocasionar nas dinâmicas de uma sociedade. Compreender as relações sociais de um século atrás e trazer para nossos dias é importante para sabermos que o problema da mentira é estrutural e também para fazermos uma ponte entre o passado e presente e, conseqüentemente, tentar não cometer as mesmas falhas no futuro. A geografia, por sua essência, nos provoca a pensar sobre o nosso lugar no mundo e quais influências nos condicionam como seres sociais. Pensar a geografia juntamente com a literatura nos possibilita ir além dos conceitos e teorias. É como viajar através dos textos e refletir a realidade que o autor propôs ao contar a sua história, seja ela ficcional ou um texto acadêmico e escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Geoliteratura, Lima Barreto, mentiras, ensino de geografia, relações sociais.

ABSTRACT:

This work proposes a reflection on how a false narrative can influence our daily lives. Given the current reality, where lies are disseminated with greater scope and speed due to advances in information technology, bringing such a debate through literature in geography classes is interesting to show the impacts that lying can have on the dynamics of a society. Understanding social relations from a century ago and bringing them to our days is important to know that the problem of lying is structural and also to build a bridge between the past and present and, consequently, try not to commit the same mistakes in the future. geography, by its essence, provokes us to think about our place in the world and what influences condition us as social beings. Thinking about geography together with literature allows us to go beyond concepts and theories. It's like traveling through the texts and reflecting the reality that the author proposed when telling his story, be it fictional or an academic and school text.

KEYWORDS: Geoliterature, Lima Barreto, lies, geography teaching, social relations.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia, na linha de Ensino da Geografia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP). Licenciatura em Geografia UERJ/CEDERJ. Atualmente é servidora da Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio – RJ. Email:fernanda.andrade@serv.semecabofrio.rj.gov.br

INTRODUÇÃO

O Homem que sabia javanês, um delicioso conto do grande escritor brasileiro Lima Barreto, foi publicado em 1911 e mistura doses de realidade com humor, mas com fortes críticas sobre a falta de escrúpulos da sociedade da época. Apesar de passados mais de cem anos, os problemas apresentados no conto ainda se fazem presentes.

Castelo, homem de origem humilde e sem muitas perspectivas de vida, consegue a ascensão profissional e financeira após visualizar o anúncio do Jornal do Comércio sobre a possibilidade de se candidatar à vaga de professor de javanês, mesmo sem saber o respectivo alfabeto. A ideia de tomar para si uma falsa formação acarretou profundas transformações pessoais, pois lhe permitiu que saísse de um estado miserável para um status bem mais confortável.

Na atual realidade, em que as mentiras são disseminadas e compartilhadas com muita rapidez, trazer o conto do Lima Barreto e fazer uma análise do Brasil de ontem e hoje é uma forma para compreendermos esse cenário dentro de uma perspectiva geográfica e, ao mesmo tempo, difundir a obra desse importante autor.

Metodologicamente, apresentamos uma epistemologia com a finalidade de provocar reflexões e nova experiência no ensino da geografia. Diante do que foi discorrido, esse trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica que parte das discussões acerca das contribuições da literatura para o fomento do conhecimento geográfico.

Segundo Santana Filho (2020), a relação entre a geografia e a literatura se mostra como estratégia promissora para o diálogo interdisciplinar, possibilitando outros caminhos para a reflexão acerca do contexto de um mundo complexo e multifacetado que se apresenta diante dos sujeitos históricos que somos. E a nossa história não é tão diferente do que era há cem anos. Os mesmos problemas como corrupção, favorecimentos para uma parcela privilegiada da população, mentiras convenientes e o mau uso da burocracia são abordados no conto. Trazer esse panorama tão atual do Brasil através da literatura é importante ferramenta pedagógica para compreender as formas de relações na área das instituições públicas, mas também auxiliar no desenvolvimento de uma visão mais consciente de mundo.

Antes de começarmos a discutir as relações entre o texto de Lima Barreto com o ensino da geografia, é importante trazer alguns apontamentos. Primeiramente iniciar com a apresentação do personagem central, Castelo, homem simples e que passava por sérios problemas financeiros, chegando a ser ameaçado de despejo por falta de pagamento. O que parecia ser devastador, tem reviravolta a partir do momento em que Castelo visualizou um anúncio de busca por professor de javanês. Doravante esse evento que se desdobra por toda a história, em que a mentira foi capaz de abrir muitas portas, desde a

conquista do cargo de professor de javanês a representante do Brasil em consulados e congressos de linguística.

Posteriormente, iremos discorrer sobre a proposta de inserir o conto do escritor Lima Barreto no ensino da geografia a partir de experiências observadas pelos alunos e, nas quais, eles próprios possam construir uma narrativa e opinião crítica sobre fatos tão corriqueiros e que, muitas vezes, não percebemos que determinadas ações podem ter consequências, tanto no aspecto individual quanto no coletivo.

Trazer o conto *O Homem que sabia javanês* para sala de aula é interessante no fomento e interação da geografia com a literatura, assim como contribuir para uma reflexão sobre como a mentira pode ter consequências, tanto para o bem quanto para o mal.

GEOGRAFICAMENTE FALANDO...

A geografia é uma disciplina que nos permite construir uma visão mais crítica da realidade, compreender nosso papel na sociedade e responsabilidade com o mundo. Esse ponto de vista é crucial para a nossa formação como seres pensantes e não, apenas, como depositários de informações. De acordo com Yves Lacoste, (1988) a geografia é uma ciência estratégica e detentora de poder, não um conhecimento sem utilidade, então a forma como esse conhecimento é utilizado pode ser estratégica tanto para promover guerras, projetos de poder ou até mesmo conseguir cargos de trabalho. Parece um tanto meio sem lógica o que discuto, mas vou explicar como o Castelo utilizou de alguns conhecimentos e conseguiu atingir muito mais que seu objetivo inicial.

Primeiramente, ciente por não saber nem onde se localizavam as pessoas que falam javanês, Castelo buscou informações através da Biblioteca Nacional. Munido de uma enciclopédia, descobriu que Java é uma grande ilha do Arquipélago de Sonda, colônia holandesa, e o javanês, língua aglutinante do grupo maleo-polinésio e seu alfabeto é derivado do velho alfabeto hindu. (BARRETO, 1911). Com essas poucas informações, já era o bastante para o aspirante a professor se apresentar e impressionar seu empregador, o Barão de Jacuecanga, homem influente, mas de idade avançada. O Barão possuía um livro escrito em javanês, herança do seu pai, que era uma espécie de talismã da família. Com esse apego afetivo, não seria difícil enganar o idoso. E para complementar as informações para o golpe ter êxito, o livro possuía algumas páginas do prefácio escritas em inglês, e, nele, informava que a obra relatava as histórias do príncipe Kulanga, conhecido escritor javanês. Vale destacar que Castelo tinha conhecimento da língua inglesa.

No início, Castelo até se mostrou disposto a ensinar algo ao Barão, mas o idoso não conseguiu assimilar quase nada devido aos problemas provocados pela idade avançada.

Paralelamente à suposta aprendizagem do Barão, a filha de Jacuecanga e o seu marido não se incomodaram e até acharam bom ter algo para distraí-lo. Ninguém desconfiava do falso professor. Mas, como questionar alguém sobre o que não se tinha conhecimento ou, sequer, se tentou buscar qualquer informação? Sigamos com a história.

A admiração por alguém saber javanês, idioma tão distante da realidade brasileira, despertou o entusiasmo do genro do Barão, que era desembargador, bem relacionado e muito poderoso. Essas boas relações renderam indicações para que Castelo adentrasse na diplomacia.

Esse ponto do texto é de suma importância para o debate, pois, através de uma narrativa mentirosa, foi possível construir vínculos para obter ganhos financeiros e ascensão social. Mas a pergunta que não se cala: onde está a geografia? Pode parecer meio sem nexos, mas vamos pensar que Castelo, um homem humilde, mas, que rapidamente começara a frequentar lugares antes inimagináveis. Ele havia saído de um espaço simples para outros mais sofisticados, onde a todo momento lidava com pessoas vaidosas, ricas e poderosas. Usou de um conhecimento prévio, mentiu e conseguiu atingir além do seu objetivo inicial, que era apenas ganhar algum dinheiro como professor. Expandiu suas “fronteiras” para além dos espaços destinados às pessoas consideradas pobres e com pouca instrução. Dentro do contexto atual, podemos afirmar que Castelo “saiu da sua bolha”.

Também podemos pensar na concepção do corpo-território, categoria de análise da geografia muito enfatizado nos debates acerca dos povos originários e das mulheres, que tratam o corpo como território e o utiliza como ferramenta de luta (HAESBAERT, 2020). A partir dessa compreensão, por que não pensar também como as mudanças corporais e as possibilidades de novas experiências podem transformar nossa realidade e serem ferramentas para alcançar outros objetivos, como a ascensão financeira?

No caso de *O homem que sabia javanês*, a transformação física do personagem central foi evidente, pois, com os ganhos financeiros, Castelo teve acesso a roupas, sapatos e acessórios de qualidade e estética superior ao que provavelmente costumava usar, maiores cuidados com a higiene e aparência, frequência em ambientes onde o acesso é limitado às pessoas mais abastadas, viagens que permitiram conhecer outras culturas, acesso a bens materiais, etc. Castelo mudou radicalmente seu estereótipo, e isso teve impactos nas relações sociais e no acesso a determinados espaços, pois o corpo é móvel, fluido e sua materialidade está eternamente em negociação com a exterioridade (CAMPOS SILVA, 2020).

De forma prática, podemos exemplificar através do caso de uma pessoa negra e pobre ir a um shopping center nas zonas mais nobres de uma cidade como o Rio de Janeiro. Infelizmente parte dos seguranças e frequentadores lançam olhares de desaprovação, julgando àquela pessoa como não pertencente àquele ambiente, por vários motivos como a cor de pele, vestimentas, classe social. É uma segregação socioespacial velada motivada por preconceitos e racismo, porque:

As características corporais como tamanho, a forma, a saúde, a aparência, a vestimenta, o comportamento, as sexualidades fazem diferença nas experiências espaciais das pessoas e também afetam como nós interpretamos e somos interpretados” (CAMPOS; SILVA, 2020, p. 105).

Será que o Castelo teria acesso aos ambientes que ele frequentou sem mudar radicalmente a sua aparência? Possivelmente não, porque a experiência do lugar e do espaço se faz através do corpo (CLAVAL, 2002).

Lima Barreto trouxe experiências vividas e as inseriu dentro de um contexto que permite fazer conexões entre a literatura e a geografia, não só pelos aspectos descritivos das paisagens, mas também dentro das relações sociais e de poder. A forma como o texto é tratado nos remete a realidades que vivenciamos no nosso dia a dia e possibilita compreender situações complexas, portanto:

A aproximação entre geografia e literatura, em termos de estrutura de linguagem e de organização das esferas do conhecimento, significa entrançar o mundo do conceito – próprio da empresa acadêmico-científica – ao mundo da experiência humana. No logro da experiência humana pode-se conceber o que é crucial no trabalho da narrativa literária: a dramaticidade da vida e os seus contornos semióticos infinitos. E ambos circulam, medeiam e nucleiam o espaço. Como mediação entre o dizer e a experiência o espaço é, também, tónus da linguagem, conteúdo da vida humana. O espaço é cifra – e texto, pois marca social e existencial (CHAVEIRO, p. 41, 2015).

O espaço como marca social e existencial é destacado de forma interessante no texto, pois mostra como são delimitadas as pessoas com maiores e menores poderes aquisitivos. Cada um existe em determinados espaços de acordo com a sua posição dentro da sociedade. Mas, independentemente da posição social, o personagem central do conto consegue ludibriar tanto o encarregado dos aluguéis de um dos cômodos que ele vivia e devia até o excelentíssimo senhor presidente da República do Brasil, por quem foi convidado para um jantar. De pessoas pobres a ricas e poderosas, a mentira do falso professor de javanês teve abrangência além de uma delimitação espacial, o que permitiu a criação de ambientes favoráveis com pessoas que acreditaram na sua história, seja por boa-fé, ingenuidade ou conveniência.

Mas essas pessoas foram enganadas ou se deixaram enganar? A provocação instiga diversas reflexões, pois a mentira pode ser usada como intencionalidade para evitar um mal maior ou destruir uma vida. No caso do Castelo, era simplesmente para obter ganhos econômicos.

No mundo real, quando uma narrativa mentirosa é amplamente aceita, a opinião das pessoas fica comprometida, o que pode ocasionar pensamentos e ações equivocadas, tais como as campanhas antivacinas, o crescente aumento da xenofobia e do racismo, os ataques à ciência e à democracia, entre tantas outras situações que só corrobora para o fomento da violência, desinformação, desigualdades sociais, entre outras.

Em *O homem que sabia javanês*, a mentira não teve um desfecho trágico, mas escancarou as influências e o sistema de benefícios dentro das esferas público-administrativas, pois a troca de interesses e favorecimentos ainda são realidades e contribuem para a precariedade e mal funcionamento de grande parcela dos serviços públicos.

O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS DO NOSSO COTIDIANO

Quem nunca mentiu que atire a primeira pedra! Adaptando uma célebre frase bíblica, achar uma pessoa que nunca mentiu é uma tarefa quase impossível. Apesar da mentira ser algo corriqueiro, não é intenção deste trabalho justificá-la, por mais que seja algo inerente ao ser humano.

Desde os primórdios da humanidade, a mentira está presente e isso é algo com que, de certa forma, aprendemos a conviver, desde aquela “mentirinha” para fazer as crianças obedecerem a alguma determinação ou as que trazem sérias consequências para a sociedade.

Com o avanço das novas tecnologias, a mentira circula com muito mais rapidez, o que pode acarretar na formação de opiniões e visões de mundo equivocadas. Essas formas como nos comunicamos e absorvemos as informações podem estar influenciando inclusive nas nossas tomadas de decisões. Há vários fatos recentes que asseveram o que estamos expondo, dentre os quais podemos destacar a invasão e depredação do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Superior Tribunal Federal em Brasília, no dia 08 de janeiro de 2023.

A construção de narrativas mentirosas incentivou os apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro tentassem aplicar um golpe de Estado. Tal invasão causou enorme prejuízo ao erário público, além da prisão de milhares de pessoas. Tais mentiras foram extremamente prejudiciais não só no aspecto financeiro, mas como uma afronta às instituições públicas e ao sistema democrático.

Esse cenário de instabilidade é danoso à funcionalidade do país e, até nas relações sociais, em que a violência é cada vez maior quando há discordância de opiniões. Chegamos ao ponto de não poder ter liberdade de divergir, pois corremos o risco de perdermos a vida.

Essa pequena narração de um evento tão recente é necessária para termos a dimensão de como as mentiras impactam nossas vidas e até no funcionamento de um país. A mentira é uma poderosa ferramenta que contribui para fragilizar as democracias através da desinformação, manipulando a opinião pública e construindo visões de mundo falsas.

Lima Barreto, em *O homem que sabia javanês*, além de criticar a forma de favorecimentos e corrupção dentro das instituições públicas, destacou como uma mentira pode ser utilizada de forma conveniente. O personagem, ao contar sua história para o amigo Castro, se enaltecia e debochava das pessoas que acreditaram ou fingiram acreditar nele. Essa conjuntura não é diferente dos dias atuais, vide a quantidade de denúncias de corrupção e golpes.

Trazer Lima Barreto para a sala de aula é essencial, pois, ao acompanhar a sua reflexão a partir da crítica literária, entenderemos seu contexto político (FERNANDES, 2013). Mas esse entendimento não deve ser restrito apenas à busca pelo que é geográfico ou político dentro da obra. Longe disso, pois a leitura deixa de ser um prazer e se torna uma tarefa, em que a busca por conexões com a geografia podem tirar o foco principal que é a experiência literária. O ideal é unir o visível ao imaginado e articular um infinito feixe de palavras para dar forma ao que descobriu (SILVA, 2020). Ou seja, fazer uma espécie de viagem, transcendendo as páginas do texto, pois a articulação entre o literário e a realidade permite maior entendimento sobre o que acontece no nosso entorno e no mundo.

Infelizmente, em grande parcela das escolas públicas brasileiras, o hábito da leitura não é muito estimulado. No entanto, ao incentivarmos o fomento à leitura de determinados conteúdos, devemos ter muito cuidado, pois o texto pode ter diversas interpretações e verdades múltiplas, dependendo da maneira como é lido (SANTOS E OLIVEIRA, 2019). Por isso, a mediação do professor na utilização de obras literárias no ensino da geografia e de outras disciplinas é fundamental, para que não haja compreensões errôneas.

Diante do que foi relatado até aqui, este trabalho se propõe a trazer o conto de Lima Barreto não apenas como experiência literária, mas aproximá-lo com o ensino da geografia, trazendo experiência de vida dos alunos e promovendo o debate e a reflexão crítica acerca de uma situação nada ortodoxa, como as falsas informações, mas bastante comum nas mais diversas esferas da sociedade.

Também é necessário demonstrar que contos literários, por mais que possam parecer ficcionais, tenham significados e sentidos, pois a compreensão do leitor é constantemente direcionada por expectativas de sentido transcendental (HABERMAS, 2019). Lima Barreto descreve com bastante eficiência as injustiças sociais e os seus textos aproximam o leitor das realidades cotidianas, e isso pode ter significado para quem o lê. Ao nos apossarmos de tais obras e aproximá-los da realidade do aluno, será possível promover a reflexão e a compreensão dos fatos que acontecem em nossa sociedade e no mundo, e que muitas vezes podem passar despercebidas por não ter significância para a maioria das pessoas. Através da aproximação do aluno com textos que tenham significados, a geografia e a literatura podem se apresentar de forma mais atraentes e capazes de despertar motivações cada vez maiores na busca pelo saber.

Voltando ao conto de Lima Barreto, fazemos mais uma provocação: Quantos Castelos estão por aí, mentindo, aplicando golpes, manipulando informações que podem influenciar até mesmo no destino de uma nação? As relações entre o falso professor de javanês com golpistas da vida real são bem semelhantes, tanto nas formas de se articular como na de pôr em prática seus planos.

Trazer esse debate para a sala de aula é fundamental para mostrar que narrativas mentirosas e tráfico de influências não são fenômenos recentes. São problemas estruturais que abrangem todas as esferas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem que sabia javanês é um retrato da sociedade brasileira com espaço temporal de mais de cem anos. Muita coisa mudou, mas o uso do poder e do dinheiro para obtenção de cargos e favorecimento em instituições públicas ainda é uma realidade da sociedade brasileira.

O falso professor conseguiu muito mais do que almejava. O escárnio e o deboche de Castelo, descritos em seus diálogos com seu amigo Castro, mostra a total falta de escrúpulos e como a corrupção está enraizada na sociedade. E ainda há de se destacar um fato mais grave: como as pessoas acreditam ou se deixam enganar em uma narrativa mentirosa.

No texto, mentir sobre um conhecimento proporcionou ascensão profissional, econômica e cultural, elevando sua experiência de vida e visão de mundo. No conto houve um final feliz para o personagem principal, mas ficou a sensação de impunidade e de que, no Brasil, estar do lado errado é o certo.

Infelizmente o cenário atual não é diferente dos tempos do Lima Barreto. Ao contrário, a sensação que nós, cidadãos comuns, temos é que mentir compensa, seja insuflando o próprio currículo ou impregnando as nossas redes sociais com informações falsas.

A velocidade das informações é determinante para a construção da opinião, porque toda a informação é construída com alguma finalidade, seja para instruir, entreter, manipular ou desinformar, só depende da intenção de quem a produz e compartilha.

A geografia e a literatura podem oferecer uma prática para além das teorias e das páginas do livro. As duas ciências unidas podem proporcionar um novo olhar, uma nova reflexão acerca das experiências literárias com a realidade. E mostrar que a formação geográfica é além do que é exposto em sala de aula, logo:

A leitura do texto como vivência, como práxis de leitor da palavra, também se constitui ou se desdobra em processos formativos, muitas vezes independentes da educação escolar. Ela nos habita a ler/conhecer o mundo objetivo à medida que nos apresenta mundos ficcionais de toda ordem (SANTANA FILHO, 2020, p. 175).

Ler nos possibilita agregar conhecimento, informar ou simplesmente entreter. Valorizar autores como Lima Barreto garante, além da qualidade dos textos a serem lidos, fazermos uma ponte entre os costumes de uma sociedade mais antiga e a atual, pois conhecendo o passado poderemos entender o presente e assim contribuir para melhorar o futuro.

O homem que sabia javanês conseguiu sair impune com seus atos, mas a realidade não é assim, pois quase sempre há consequências negativas para quem produz, compartilha inverdades e tira proveito de um sistema corrupto instaurado na sociedade.



Ainda estamos longe de livrar-nos dos Castelos, Castros, Barões de Jacuecangas e tantos outros. Não sabemos se um dia nos livraremos, possivelmente não, mas trazer à reflexão de como essa prática só atrasa o nosso desenvolvimento como nação talvez possa contribuir para um futuro menos obscuro.

A geografia e a literatura podem ser uma sementinha de mostarda. Não custa tentar, vai que a terra seja fértil...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Lima. O homem que sabia javanês. Ed. Princips. **Jandira**. SP. 2020.

CAMPOS, M. P; SILVA, J. M. “Teu corpo é o espaço mais teu possível”: Construindo a análise do corpo como espaço geográfico. **ANPEGE [online]**. v. 16, n.31, p.101-114, 2020

CHAVEIRO, E. F. (2014). Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos / Literary sayings: the drama of existence in contemporary spaces. **Geograficidade**, 5(1),40-51. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.51.a12917>

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. Mercator, **Fortaleza**, v. 1, n. 1, jan. 2009. ISSN 1984-2201. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192> >. Data de acesso: 13 mar. 2023. doi: <https://doi.org/10.4215/rm.v1i1.192>.

FERNANDES, Felipe Moura. Espaço e Cultura, **UERJ, RJ**, N. 33, P.167-176, jan. /Jun. DE 2013.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da Terra): Contribuições Decoloniais. **GEOgraphia**, vol: 22, n.48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/43100/24532/144946>. Acesso em: 13 de março de 2023.

HABERMAS, Jürgen. Teoria do Agir Comunicativo. Volume I. São Paulo. Ed. **WMF Martins Fontes**. 2019.

LACOSTE, Yves. A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a Guerra. Campinas: Ed. **Papirus**, 1988.



SANTANA FILHO, M. M. Por uma educação geoliterária: o mundo como livro, o texto como viagem. In: Geografias literárias – escritos, diálogos e narrativas, PORTUGAL, J. F. Org. Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. OLIVEIRA, Silvana Pessoa. Sujeitos, tempo, e espaço ficcionais. 2 Ed. São Paulo. Editora **WMF Martins Fontes**. 2019.

SILVA, V. C. P. da. (2020). A Geografia serve, antes de mais nada, para organizar a viagem: real e imaginária. *Revista Geografia Literatura E Arte*, 2(2), 146-172. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.169348>